

Transcrição da entrevista com Cláudia Guimarães¹

Entrevistadora : Ottávia Delfanti

Entrevistada: Cláudia Guimarães

São Paulo, 02 de junho de 2023

Duração: 01:12:06

Realizada presencialmente

Entrevistadora: Ottávia

Entrevistada: Cláudia

Ottávia: Que dia que é hoje, gente? Bom, hoje é dia dois de junho...fala... Hoje é dia dois de junho, a gente tá em São Paulo, Pinheiros, e a gente se encontrou com a Cláudia Guimarães, fotógrafa, para fazer uma entrevista. Obrigada, Clau, por nos receber.

Cláudia: Imagina!

Ottavia: E a gente queria, primeiro, pedir autorização para gravar. Você permite gravar?

Cláudia: Sim!

Ottávia: Tá! E, a gente também queria te perguntar, Clau, se você tem, antes de tudo, alguma referência de material, de artista, livro, coisas que você se interessou recentemente ou durante sua trajetória, coisas que foram importantes, assim, porque eu acho que isso, para gente, antes de tudo, é legal, assim...

Cláudia: Sim. Tenho.

Ottávia: É!

Cláudia: Tenho que pegar os livros?

Ottávia: Ou o que você quiser, ou se você quiser contar, que você prefere?

Cláudia: Ah, eu tenho...posso contar, também, posso mostrar, aqui, os livros...é... uma que, que eu fiquei super, que eu acompanho bastante o trabalho, que inclusive falei no mestrado, tal, eu não tenho o livro dela, ela não é tão conhecida, acho, assim... É, mas a Dora, a Dora já conhecia, a Rosangela Rennó, que foi minha banca, conhecia, é... mas eu não tenho

¹ O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala.

nenhum livro dela. Assim, conheci, é a Catherine Opie, eu conheci numa Bienal, em Nova York, em 96, que eu fui naquela Bienal de Whitney e, e aí achei muito, muito lindo, as fotos dela, assim... Eu Já...acho que foi em 98, por aí, 97. Eu já tinha visto o trabalho da Nan Goldin, é, a Nan Goldin, acho que foi uma das maiores, é, maiores influências, assim, minha. Eu já tinha começado a fotografar a noite antes de conhecer a Nan Goldin, mas, é porque eu tinha, eu tinha conhecido o Eduardo Brandão, que é da Galeria Vermelho, eu fui assistente dele, e ele tinha um, ele era fotógrafo, e ele era... estudava muito fotografia...tinha um grupo, à noite, na casa dele, um grupo de estudos, que conversava sobre fotografia, é... Apesar de eu ter começado a FAAP, eu não tinha aula, ainda, com ele, e ...é... foi aí que eu comecei a me interessar. Na verdade, eu comecei a me interessar por fotografia quando eu comprei uma câmera que eu considerava boa. Era uma câmera totalmente manual. Eu trabalhava na Zoomp, como vendedora, e...eu tinha uns 17, assim, e eu comprei essa câmera de um outro vendedor, que também, eu reencontrei ele na Folha de São Paulo. Ele virou um fotógrafo também. E... foi, foi meio instintivo, sem estudar muito fotografia. Com... O Du já tinha me falado que tinha uma escola em Boston que, nessas conversas, que era para eu fotografar o meu redor, que a fotografia estava mudando e, sempre fotografar ao meu redor, sabe, o que eu via e o que eu fazia. Então, como eu trabalhava e estudava, eu só tinha tempo de...de treinar fotografia à noite. Então, eu comecei a fotografar a noite. Fora isso, eu saía muito a noite. A noite era, era assim...me fascinava, assim. Eu era aquelas adolescentes que segunda, terça-feira já fica tremendo para chegar na sexta para sair. Sabe? Tipo, saía e... e aí eu era muito tímida, então, eu meio me escondia por trás da câmera, assim, um jeito também de conhecer as pessoas e... e entrar. É... que era esse...Eu sempre mostrava pro Du, e fazia, eu mesma fazia as luzes e fazia fotos das minhas amigas...é...a gente pegava as roupas lá na Zoomp e fazia uma fotos com umas luzes bem loucas que eu montava...as luzes...era sempre luz...é...luz de, esqueci! Luz que não é de flash. Eu comprava umas lâmpadas na... Luz Contínua! Eu trabalhava, eu comprava umas lâmpadas na Consolação, construía as lâmpadas da iluminação e eu mesma fazia. É, quando eu comecei fotografar a noite, tal, é que o Du, depois de um tempo, é que o Du me apresentou... não, é, não foi o Du, não, foi uma amiga minha, que tinha ido para Nova York...eu comecei a fotografar, é... em 91, assim, e em 93 ela tinha ido para Nova York, e comprou um livro da Nan Goldin, e falou "Nossa, essa fotógrafa, aqui, olha! Me lembrou tanto o trabalho que você faz". E aí eu peguei e falei: "Nossa"! Aí eu levei pro Du e o Du falou "É, ela é dessa Escola de Boston, da Universidade de Boston, de onde saiu toda... toda essa galera que, foi a Nan Goldin, é a principal, mas saiu aquele Philip deCor...é...Philip DeCorsia, e...que eu também tenho um livro, aí, que era maravilhoso, e um outro, outro fotógrafo, que era amigo da Nan Goldin, que também, é...fazia os amigos, tal, David Armstrong, que era bem amigo dela. É... e aí que eu falei, "Ah! Nossa!" Então era uma escola, assim, de...de um novo...de um novo...de uma nova foto documental, né, de você...diferente da Diane Arbus, é, que você faz a foto a partir do teu ponto de vista, né. Você está muito próximo do que você tá fotografando, né, e...o seu redor...você traz a foto

para você, se coloca naquele lugar, né, de objeto, também. Você não está tão distante, assim. É... mas...aí, é que eu comecei a ver os livros e...e... e me identificar...porque, antes, era mais, assim, eu já tinha um livro da Diane Arbus, eu tinha o livro da...do...ah, do Bresson, essas, sabe, essas referências, assim, aquele americano, que...The Americans, que não lembro o nome do fotógrafo porque eu tô ficando esclerosada...

Ottávia: É o Walker Evans?

Cláudia: Oi?

Ottávia: É o Walker Evans, não é?

Cláudia: É! Eu acho que é... E então, a referência que tinha de uma fotografia documental era essa, assim. Ah, mas eu não tinha, na verdade eu não tinha...eu era muito novinha e também eu não tinha uma intenção, assim, de ser arte, ou de estar... ou de...de...é... de estar fazendo uma coisa um pouco inédita, porque, na verdade, eu estava super feliz de estar publicando e fotografando, assim. É, porque, na verdade, depois dessa fotos, eu conheci a Érika Palomino...na verdade, um amigo meu entrou na Ilustrada e começou a trabalhar com a Érika, e falou “ Olha, tem”... E a Érika ia ter uma coluna... ele falou “Óh, tem uma menina que está fotografando, ela fotografa a noite por conta própria”. Aí eu mostrei as fotos, aí eu comecei a fotografar... a ter fotos publicadas, mas eu não ganhava nada com isso. Ganhava só dois filmes e a revelação que, para mim, já era ótimo, porque eu gastava grana, né, eu mesma... Eu comecei fotografar mesmo numa festa chamada “Enterro dos Ossos”, eu mesma revelava as fotos. Eu até tenho essas fotos ainda. Eu... eu fotografava e revelava, como eu não tinha filme...como eu não tinha flash, eu punha as pessoas na...na... no bar, tirava, assim, porque eu também não tinha dinheiro para entrar... E a boate era do Gugu! Gugu Liberato!

Ottávia: Onde que era, Clau?

Cláudia: Era na “Gentes”, no Ibirapuera. E foi lá que começou o primeiro movimento de Drag Queens, e... e assim, é que eu comecei ver os meninos montados, que eu falava, eu já conhecia o Alexandre Herchcovitch, e uma vez eu vi montado, e aí eu falei “Nossa, será eu ele vai virar travesti? Que estranho!”. Aí que...que foram essas primeiras Drags... que começaram a se montar, os meninos, você via, e se montavam... depois, à noite, se montavam...ficava todo mundo, jovenzinho... ficava lá fora... E a “Enterro dos Ossos” é quando o carnaval, aqui em São Paulo não tinha, então era muito underground as coisas de carnaval. Então tinha shows de travestis já, de umas trans, trans, travesti, já bem... bem...é..., acho que já conhecidas no circuito, dentro. Porque, lembra que o Silvio Santos fazia shows de travestis? Eram aquelas lá, então era dentro...só que era uma grana para entrar. E aí, ficava todo mundo, jovem, assim, as Drag Queens, tudo lá fora. É, e aí, no carnaval, tinha shows delas, assim, ninguém ia, porque era cafona, assim, aí, no “Enterro dos Ossos”, que era no primeiro sábado depois do carnaval, aí, todo mundo ia,

assim, aí era uma super festa no meio da rua. Comecei a fotografar nessa festa, assim. E...

Ottávia: Isso nos anos 90?

Cláudia: Isso nos anos 90, em 91. Quando...quando eu passei, quando eu decidi, eu estudei...Comecei a estudar no final dos anos 80, quando eu entrei na FAAP, aí eu comecei a me interessar mais por fotografia, tal, mas aí, eu parei e fui pra França, aí lá, em 90, nos anos 90, aí lá eu me interessei mais por fotografia, aí estudei lá, fiz um curso, mas era um curso bem, bem...é...de revelação, de coisas que, que depois eu nunca mais usei. Quando eu voltei, eu montei um laboratório na minha casa, aí eu achava que eu ia ser essas fotógrafas, assim, sabe, que revela, próprio, tal. E aí foi assim, indo, minha trajetória.

Ottávia: É, mas, Clau, você narrou um pouco essa ideia de que, tipo, as primeiras fotografias que você considera mais pertinentes na sua carreira têm uma relação direta com uma situação, que é uma festa, e um lugar, assim, na cidade. E depois, tipo, isso fica meio claro, também, na relação da noite e da cidade com as fotos.

Cláudia: Sim!

Ottávia: Você pode falar um pouco mais disso? E, em especial, também, com o Baixo Augusta.

Cláudia: Eu comecei a... a....Eu já tinha uma, uma, uma relação muito, é, foi...foi...foi uma coisa muito pessoal, assim, porque eu só saía em boate gay. Eu só, eu só ia em boate gay, assim, eu só tinha amigos gays homens, então, na primeira vez...isso, antes de eu fotografar, quando tinha 16 anos, assim, é... eu, a primeira vez que eu fui num... né, o bairro onde eu nasci era sempre era... eu ouvia “Ah, travesti, vai te cortar! Nossa, travesti não pode ver mulher, vai cortar seu cabelo, não sei o quê, nãñã” Aí tinha uma rua muito famosa, que era chamada, ali, a Marquês de Itu, tinha uma boate muito famosa chamada HS, e aí um amigo meu me levou lá, eu era muito jovenzinha, e eu falei “Ai, meu Deus!” Sabe, quando eu olhei que era a Marquês de Itu eu falei “Ai, as travestis vão bater na gente!” “Imagina, isso é folclore!”. Aí, quando eu cheguei lá, fiquei super amiga, e vi que não era nada disso, assim, que era, que eram pessoas que estavam ali, que tinha um preconceito. Eu comecei a fotografar a noite, é, eu não fotografava, eu fotografava onde eu queria ir, onde eu ia, sabe, porque, a ideia era fotografar ao meu redor e eu só ia em boates de gay, travestis. Então, eu comecei a querer também tirar isso, é...é... tirar e colocar, tirar a travesti, é..., sexualizada, violenta e que vai te bater ou te cortar, tirar desse lugar e fazer retratos, assim, bem, bem direitinho, assim. Eu sempre falava “Ah, é pra mandar pra mãe, nãñã” E, e aí eu comecei levar uns fundos, nisso já tava mais, mais especializada, assim, eu vi que a minha câmera tinha uma entrada de flash, então, eu tinha um “flashinho”, assim, que era uma, uma, uma cabeça de flash, e eu levava pros, para as boates e fazia um “fundozinho”, assim, e colocava as pessoas já no fundo, e comecei a fazer

retratos, assim. E, principalmente, das trans, eu preferia fazer na, na boate, e das Drag Queens, que era para tirar esse...esse...esse folclore. Porque, quando eu comecei a fotografar, ali, e as fotos começaram a sair, e esse movimento de Drag Queens começou a pipocar, tinha um jornal chamado, é... Notícias Populares. E o Notícias Populares dava umas fotos muito sangrentas, e eles tinham uma coluna, uma coluna, assim, de noite, que era meio, uma coisa super marginalizada, assim, sabe, "Ai, a travesti, não sei o que!" E eles começaram ir nos lugares... Quando eu comecei publicar, eles começaram ir nos lugares onde eu ia, então eu tinha que diferenciar. Então eu ia bem tarde, na boate, e já fazia, fazia só um retrato, não fazia mais...nunca fiz na rua, brigando, embaixo do poste, se prostituindo, nesse, nunca coloquei nesse lugar para também, para diferenciar da, do Notícias Populares, que passava uma ideia muito negativa da... E era do grupo da Folha, e, no fim, uma amiga minha, que é uma super fotógrafa, grande fotógrafa, fazia fotos maravilhosas lá, no Notícias Populares, só que fotos de mortos, assim, muito, muito louco como... Eu fiz, depois que eu fiquei...Para a Folha, eu fazia fotos de travesti, assim, retratos para, para o Notícias Populares, porque aí eles mudaram, um pouco, o tom, tal.

Ottávia: Aproveitando, a gente queria te perguntar como que, é... Como que a fotografia, também, como o trabalho como artista te conduziu para outros percursos profissionais, e como você também se inseriu no meio da Moda com a fotografia e... Contar um pouco disso.

Cláudia: Então, eu comecei a fotografar para a Folha, né, para...pra, só pra coluna e, nisso, eu...O Eduardo Brandão foi pra... pra revista da Folha, foi ser, é... editor da revista da Folha. Foi quando começou a revista da Folha, acho que foi pelo, por 93, por aí, e tal. E aí, eu já fazia a coluna da Erika, já fazia desde a primeira, acho que foi em 92, final de 91, 92. Isso. Aí eu já tinha saído da Zoomp e tinha ido trabalhar no Reinaldo Lourenço, que, aí, o Reinaldo Lourenço era super chic e tal. E aí gente fazia muita foto no...no Reinaldo, com as meninas do Reinaldo, com a produção do Reinaldo, lá, fazia muita, muita foto de moda. E aí, a... e aí, quando o editor soube que eu, ah, que eu era, não recebia, falou "Não, imagina, tem que receber, tal". Aí eu já comecei a receber como "freela", aí mudou a editora, e a... e a editora me contratou, pediu um conselho pro... precisava de um fotógrafo porque a Folha ia começar a ter comportamento jovem na Ilustrada. A Erika ia expandir um pouco a coluna e ia começar a ter perfil de jovens, e a... folheteen, Folha Teen, que era uma de... de adolescentes ia ter... ia expandir também, ia virar um caderno grande. E aí a... a editora pediu um conselho pro Du, quem contrataria... e ele falou "Ah, a Cláudia, que já está fazendo coisas pra você". Ai a gente... aí eu fui contratada pela Folha para fazer exatamente isso. Aí começaram os desfiles de moda, e eu fui cobrir os desfiles de moda, porque, nisso, como eu cobria a coluna da Erika e tudo era noite, aí a Erika começou a falar de moda também. Aí, eu comecei, através do desfile da coluna, fazer, por exemplo, eu já entrava ali para fazer os bastidores do Alexandre, aí eu comecei a fazer fotos do Alexandre, é... eu comecei muito, muito ali com o Alexandre, fazendo muita coisa pro Alexandre Herchcovitch, porque também ele era muito jovem, aí eu comecei a

fazer esses bastidores, e fotografar para essa moda underground e... Aí, comecei, pá, fiz um... tava naquele meu caminho, nesse meu caminho, eu não fazia, eu só conseguia... eu só conseguia fazer moda para a revista da Folha, com a Patricia Carta, porque eu não podia me dividir. Eu trabalhava muito ali na Folha, assim, porque não era, não só fazia essas coisas, eu fazia política... outras coisas, assim, skatista, bandido, fazia tudo. E aí eu saí da Folha só para fazer moda, comecei a fazer muita revista da Folha, já, eu fazia dois turnos para fazer a revista da Folha, porque é outra editoria, e aí eu comecei a fazer, começou fazer... começaram a ficar muito legais os editoriais, aí eu comecei , quis saís para fazer moda, mas, para eu fazer moda, eu tive que esconder, muito louco, assim, foi bem no começo dos 2000, assim, bem final dos anos 90, assim, 98, 99, e aí eu comecei a esconder as minhas fotos da noite porque, na moda, não aceitava, achavam que era muito “trash” e tal, e eu escondi durante muito tempo as fotos, assim, as fotos, as primeiras fotos, é... e bem, aquelas bem clubers , bem, assim, , bem da noite eu... eu escondia, assim da... da... Apesar dessa foto ser uma foto que foi para um caderno de moda, mas foi uma foto... foi 96, eu ainda estava na Folha, mas foi uma foto que me estigmatizou para caramba porque eu fiquei, fiquei como fotógrafa de travestis, ela só faz travesti, não sei o que...E aí eu fiquei muito tempo... Eu nunca fui grandiosa, assim, nunca fui muito aceita, na moda. Sempre foi, assim... Eu fiz uma capa da Vogue. Uma, duas capas da Vogue. Mas sempre tinham medo...ah, de eu dar uma ideia muito louca, de, ai, eu querer colocar travesti na, sabe? E... muito... Ou então, de fazer foto sapatão, ai, tinha isso, também...

Ottávia: E você acha que a moda contaminou o seu trabalho autoral de alguma forma, assim, uma questão de algum olhar...

Cláudia: Sim, eu... Tinha uma revista, que era uma revista... foi assim que, na verdade, foi assim que eu comecei a ter mais ... que chamava Speed, que era uma revista que durou até 2003, assim, uma coisa assim, 2005, talvez. E... e foi uma revista que, que... contratava... não tinha uma editora de moda, assim, e não tinha um nome, assim, Vogue, Elle... Ai, tem o perfil da Vogue, da Elle, assim, sabe? Não estava ligada a nenhuma editora grande. Era uma revista independente, então, foi essa revista... contratava o stylist e o fotógrafo. Aí eu fiz muito trabalho com o David Pollak, e foi assim que eu fui me desenvolvendo na moda, assim... É... porque a gente criava junto, e as outras revistas não tinham essa... não tinha isso. Você tinha que vir e falar... fotografar sobre bolas. Ai, é bolas, a revista. Então, você não podia ter nada ousado, ai, era... E tinha muito, muito racismo, muito preconceito, muita homofobia, assim, muitas preocupações que, hoje, as pessoas... Eu vejo as mesmas pessoas da moda, as mesmas editoras, é, né, pondo trans na capa, assim e... Hoje eu fico vendo e falo “Nossa! Gente! Eu fui barrada por causa disso e... (risos) E, porque, para mim, já era (som do interfone do apartamento tocando) Óh, Deve ser a Leila!

(Cláudia levanta-se para atender ao interfone)

Cláudia: Alô? Ah, pede para ela subir! Acho que eu vou ligar a luz ali, que fica...

Ottávia: Acho que está legal, a luz.

Ottavia: Podemos continuar?

Claudia: Podemos

Ottavia: Você tava falando que, atualmente, você vê realmente essa inserção um pouco oportunista desses assuntos na moda

Claudia: É, sim. Por que você vê que é que é que não é uma inserção uma inserção natural uma inserção forçada de que “Ai, essa é a tendência, a gente não pode, então a gente não pode é não ter ou ser ou é porque hoje tudo se cancela, então não pode ai não podemos fazer isso ou não? Podemos, temos que falar de identidades de muito é muito engraçado, porque como assim você não precisa você não precisava achar eu acho muito engraçado porque que 20 anos atrás não era. Tem que mudar a ideia. Ah não é porque 20 eu era uma outra pessoa. Muito estranho, assim, por ter... Ué então todos os pais de todo mundo ia ser homofóbico racista, minha mãe não era e ela foi criada no ambiente que era então eu não entendo assim. É um comércio, né? A gente vê a Globo também, né? Tudo é assim, né agora Globo tem beijo, não sei o quê.

Ottavia: Clau, uma coisa que a gente queria te perguntar, é porque como qual que era a abordagem usada para fotografar as pessoas que você encontrava. Por que é uma coisa que a gente percebe que é bem marcante, que tem umas situações muito espontâneas nas fotografias, mas ao mesmo tempo tem uma imposição e uma composição de imagem bem forte assim, sabe, não é uma bagunça.

Claudia: Eu... a composição assim, outro dia eu tava vendo minhas fotos que eu que eu do doutorado que eu tava pretendendo pegar resgatar todas essas fotos para ser uma introdução do doutorado, aí eu tava vendo que sempre é horizontal, né, as minhas fotos a maioria horizontal porque sei lá, acho que me põe no espaço e horizontal hoje que eu dou aula de fotografia, eu vejo o quanto horizontal um pouco mais fácil assim, né enquadrar. Eu acho que a espontaneidade na verdade é o primeiro que eu tava num ambiente Que que eu gostaria de estar assim que eu gostaria de estar que eu era muito feliz ali assim, então eu não saia para trabalhar eu sabe é eu só ia me aproximava das pessoas aí eu me sentia querida ali naquele meio eu tinha eu tinha uma ética de fotografar é, eu nunca procurava fotografar as pessoas vomitando ou mesmo que eu tivesse essas essas fotos, mas essas fotos é, não nunca iriam ser publicadas ou as pessoas se drogando ou numa situação porque eu tava ali ali também no meio assim, sabe então tudo que as pessoas estavam tomando

eu tava tomando. Era daquela turma. Eu não eu não era do jornal que fui fotografar. Eu por acaso, e então no Hells, que é uma pesquisa que eu tô fazendo, eu tava ali, eu ficava. Aí tem muitas fotos engraçadas que eu faço na chapelaria porque a chapelaria é uma amiga minha drag trabalhava lá e eu ficava horas na chapelaria e a gente ficava rindo muito obviamente eu tomava o que as pessoas que tomavam todas a, maioria dessas fotos que eu fiz, eu tava super louca. Eu era de uma capacidade. Hoj acho que não mas uma capacidade de fotografar de de enquadrar e porque eu acho que eu tava inserida naquilo. Acho que é por causa disso que as pessoas realmente eram muito espontâneas e e eu acho também que tem uma coisa assim que não tinha rede social, né? Acho que é a última geração que era que foi privada, né? Ainda apesar da gente estar vindo, né? A gente tá vindo de um Instagram, né? Tá vindo tá vindo uma coisa que vai acontecer, né muito né? Que é aquela fotografia documental que tá assim que você está inserida, né que você faz parte daquele meio e tem muitas fotos que eu fiz na minha casa também que são amigos bem íntimos e que eu fiz na minha casa. Porque bem no comecinho quando muitos amigos se montavam e e eu morava sozinha, já morava com amigos. Quando eu tinha já para 18 17 18 anos, eu fui já morar usando meus numa república, então a as pessoas iam se montaram lá na minha casa, eu aproveitava para fotografar também e Aí não sei foi tendo essa intimidade quando eu vejo vendo assim, porque eu comecei a aprender e a defender assim meu trabalho depois que eu desisti depois que eu parei de fazer publicidade moda o que eu foquei só nesse trabalho e que eu vi depois de um tempo assim que eu que eu falo. Nossa que intimidade assim então e eu me cocei a falar e e a a resgatar tudo aquilo quando eu fiz um mestrado que aí foi quando eu eu nunca me senti artista, sempre me senti fotógrafa, mas é eu passei a falar, olha agora eu quero só ter uma vida de artista e de fotógrafa em dois emprego no estado quando eu decidi não mais. Trabalhos de moda nem de Publicidade. Porque mesmo os trabalhos de moda são muito poucos que a gente traz a satisfação porque trabalho de moda quando eu tô falando trabalho de moda é fazer 500 fotos para Marisa. É isso que é o que dá dinheiro para o fotógrafo de moda não é um editorial.

Ottavia: E quanto à relação das pessoa com as imagens que você produz? Que você falou que realmente a sua relação com e a sua abordagem era bem orgânica justamente porque você tá dentro desse meio, né?

Claudia: As pessoas por exemplo as pessoas mais jovens amavam sair na coluna na coluna, mas por exemplo o mauricianes mauricianos de que a gente conhece que era do grupo tal. O Maurício falou que a primeira foto eu tirei uma foto dele e ele ele morava em Santos ainda na casa dos pais e foi um perrengue para ele, porque ele ainda não namorava o Alexandre já de convite e ele ele foi os pais. Descobriram que era gay por causa da foto não da foto entregue mas a foto ele estava numa boate que supostamente era gay que era

o senhor não era não era porque mas era uma era uma assim, que muito degraude de muito montada assim que as pessoas vão montadas então. Aos pais deduziram assim eh, mas foi a primeira vez que eu ouvi assim que porque já tinham aquelas pessoas e as pessoas não tinham não tinham medo de sair mesmo, porque não elas não saía um situações assim e quem eram as drag Queens era bom elas saírem porque elas começaram a trabalhar entre legrama falado e em começaram a fazer muito sucesso assim então quando saía no jornal Folha a folha de São Paulo tem um alcance absurdo e querendo ou não começou a ser uma coluna social a Joyce, depois começou a dar também essas pessoas. Nos anos 90 algumas aceita muito amiga suas até hoje, né? Mas não sei quem ela gosta de mim uma quantidade considerável que já acompanha até hoje. Olha eu acho que tem uma considerável. Muita muita Drag e trans que morreram. Nossa, tem muita gente que morreu gente, muita gente que morreu morreu jovem e sim tem pessoas assim me acompanham. Sim sempre pergunta quando eu vou fazer um livro outras pessoas sempre sempre mas todas as pessoas meio tão trabalhando assim no meio que eu acabo encontrando assim Robert o Davi que aí dá trabalho trabalho com moda que que quando eu saía em algum lugar, eles também estão lá, depois teve aquela outra geração, Dudu tal que eu sou super amiga também então.

Ottavia: E essas pessoas que você convivia mais nessas situações de festa, que havia uma socialidade mas uma socialidade mais superficial assim, mais distante?

Claudia: bom essas pessoas que Ué, acho que acompanham Muitas pessoas têm gente que nem eu reconheço assim, mas eu acho que acompanham ali no no Instagram tal.

Ottavia: E as pessoas que você fotografou mais recentemente, pra sua tese, por exemplo?

Claudia: Mas eu sei exatamente assim, por exemplo, eu não sei às vezes algumas na boate da Andreia, mas eu sei exatamente é, porque um amigo meu que que tava fazendo o a direção de arte de um suporte líquido que eu queria fazer tal falou ah que você tem essas pessoas para ter pedir é autorização, eu falei tem eu sei exatamente quem são as pessoas tal, mas porque se eu vendo alguma foto ou se eu publico a foto eu peço autorização e então eu tenho contato e eu pago também se eu recebo eu pago pelas pela pelas Por exemplo essa a foto da Bianca lá que eu tinha vendido. Eu já apaguei ela eu pago uma porcentagem quando tratado porque são sempre as pessoas estão super duras e e é uma maneira de ajudar também.

Ottavia: E das pessoas que você frequentou mais recente, na sua tese?

Claudia: Foi muito louco assim, porque quando as pessoas que eu tinha me afastado um pouco, eu trabalhei muito com moda publicidade, quando eu vi que tinha essa em 2017 começou foi antes 2017 começou quando o Haddad foi Prefeito começou a explodir umas festas na cidade e essas festas uma amiga minha que é super festeira ainda clamando vamos nessa praia, eu quero porque eu ainda sou super curiosa assim para noite outro dia eu saí na noite é essa mesma, minha amiga me levou, todo mundo pelado. Eu fiquei assim passada, eu falei gente que não São Paulo é evoluído todo mundo pelado dançando pelado, aí você pode ficar pelada. Não fiquei, obviamente, né? Eu nem minhas amigas assim a gente ficou vestido, mas as pessoas peladas porque São Paulo é uma cidade muito viva, né. Muito... e aí eu fui nessas festas, inclusive teve uma na ECA que foi super bacana. Aí parou de ter lá, porque acho que parece encontraram uma pessoa morta na Raia, mas tinha muitas festas ali em 2014, 2013 e tal.

Claudia: E aí começou ter essas festas, eu vi que começou a ter uma nova configuração assim de pessoas trans, quando começou esse movimento de todo mundo “Ah, vamo fotografar, vamo fotografar” eu já tinha um projeto que eram ruas vazias com corpos trans dentro de espaços fechados pelo projeto que eu tinha colocado no PROAC mas assim quando eu pensei em fazer o mestrado eu falei com a Dora, ela disse que essa podia ser minha pesquisa. Porque eu não tenho dinheiro direito, o que poderia ser uma pesquisa na área de artes e aí ela aí que eu comecei a trabalhar isso como eu ah, eu peguei e falei olha eu preciso fotografar novas pessoas, né? Essa nova geração, esse entendimento desse novo corpo.

Claudia: E aí eu fui numa numa aí eu entrei em contato com a com a Casa 1 que era uma casa de apoio para as pessoas trans e travestis e lá eu comecei a entrar em contato com esses primeiros. E aí teve uma, aí com essas pessoas que eu tive problema com essas pessoas jovens novas, porque teve um evento chamado Travesti Viva. Mas será que isso até entrar na, mas depois a gente já resolveu. Eh, que que eu acho que as pessoas estavam, foi quando o Bolsonaro ganhou em 2018, né? Então quando teve um casamento coletivo na Casa 1 eu fotografei porque... as pessoas, talvez essa lei caia, porque é uma lei é muito né, em união estável é muito volátil, né? Porque a gente pode quase se a gente tivesse novamente Bolsonaro, talvez tivesse caído mesmo e teve um desfile chamado na Casa do Povo, Travesti Viva, e eu peguei e falei como eles usaram a minha uma foto minha ele nem falaram nada só uma amiga minha que tava coordenando lá falou? Ah, Cláudia, até esqueci de te avisar. A gente tá usando a foto da Cláudia como convite. Tá bom, eu falei. Ah não, lógico. É um povo novo, é um estilo, está novo que trabalha com trans travestis, eu falei. Ah, vou fotografar a os bastidores. Vou montar um estúdiuzinho que nem eu fazia e fiz um estúdiuzinho lá, mas assim fiz um estúdio e tava chamando as pessoas assim e aí o estilista se sentiu

incomodado porque “invadiu nossas corpas, porque o diálogo agora é totalmente diferente.” É não é um não, é? Eu acho que é uma coisa assim um pouco um pouco. Um pouco, talvez seja assim, talvez seja tenha sido necessário falar sobre isso em 2018, né? Que a gente ia começar um governo fascista. Então as pessoas estavam realmente agressivas. E aí não queriam saber que eu tava fazendo lá, não primeiro fez eu fiz as fotos lá. Foi tudo normal, mas assim eu senti uma super receptividade assim. Agressiva assim sabe assim tem essa Cisne, né? Porque eu acho que esse discurso de identidade em 2018, talvez tenha sido necessário hoje, eu acho que as pessoas têm que se identificar porque você separar copos por identidades. Ah, eles são corpos. Esses são corpos aqueles são corpos negros. Às vezes são corpas, não sei o quê, sabe você na verdade é um é uma isso é o poder. Isso é o que o poder quer, né? Que se divida na verdade a eu acho que todos existe só duas coisas e nem sou eu que falo, isso é o Paul Preciado, existe os que dominam e os dominados. Então eu acho que dominados tem que se unir não separarem entre, aí não entre si, né? Eu acho que oprimidos eu acho que muito é muita gente oprimida é muita gente com com é... muita gente também com uma diferença ali óbvio que a gente sabe o privilégio de você ser um ser um corpo branco e cis e ainda mais se a pessoa é heterossexual, mas é existe pessoas pobres existe pessoas aliadas essas pessoas que estão ferradas e e você separar e ver o outro como inimigo, sei lá, mas talvez em 2018, eu acho que acho que as pessoas estavam agressivas mesmo, eu acho que tava todo mundo esperto, né? Tá todo mundo vendo que ia entrar num governo fascista, então eu não fui muito bem recebida ali e aí quando essas fotos, foram só três fotos, saíram na Select falando sobre é a Dora que publicou na Select e ela falou: “Aí as primeiras fotos da pesquisa da Cláudia as pessoas ficaram muito putas, porque saíram um monte de fotos de pessoas” todas essas fotos pessoas mais antigas e saíram três fotos desse evento desses três retratos, aí eu pedi autorização. Eu liguei para as pessoas para pedir para falar que antes de sair e tal, mas mesmo porque eu queria eu sempre quero contato das pessoas que eu fotografo. E aí só que não saiu o nome delas aí começou um discurso assim: “Primeiro não queremos ser pesquisados não somos é pesquisa. A gente saiu sem nome e a gente luta muito pelo nosso nome, mas todo mundo saiu sem nome.” E aí os filhos também ligou falou que achava que ia sair sobre o trabalho dele. Ah, Select é de uma branca, babaca aí tudo isso eu tive que conversar tal na na na na na E aí Ah, porque a gente decidiu se vai te cancelar ou não é horrível, eu recebi umas mensagens que já estavam descancelando num grupo, só que tinha um espiã no grupo. Aí vamos cancelar ela vamos vamos cancelar essa daí babaca, não sei o quê. Aí eu falei nossa aqui deve ser horrível isso imagina ela receber esse rate aí vamos levantar. Vamos levantar a #fotografa babaca, quer quer pesquisar nossos copos não somos aí eu tive que explicar tudo para porta voz com porta-voz. Que eu ah não que eu era gay que eu era periférica que eu tinha que ir não sei o que que era ser gay nos anos 90 que eu tinha que quebrar a pedra que eu tinha que

carregar a pedra sabe assim, tipo nossa falar um monte um monte um monte um monte um monte aí bom, mas enfim, se vocês quiserem me processar Então mas eu acho que a gente mesmo assim vai te processar vai ficar essa aqui, vamos lá tenho culpa careca, é em português. Eu falei não ai eca realmente reconhece dentro de português, mas e Vivi aí eu falei olha e a pesquisa não é pesquisa de fotos. Eu não tô falando sobre vocês falando sobre fotografia. Sabe de fotógrafos que já é aqui fotografaram um tema uma continuação aí eu falei bom, mas se vocês me processarem aí eu também tenho que processar que vocês usaram a foto da Cláudia aí só me respeitar ai você que fez aquela foto. Ah então tudo bem. Mas foi foi o inferno assim o inferno aí eu nunca uso essas fotos nunca assim aí agora a foto da pesquisa mesmo. Eu fiquei amiga de uma de uma de dessa dessa menina TRANS e ela que convidou as pessoas porque na verdade agora eu já não estou mais na noite já tem milhares de pessoas fotografando à noite já tem milhares de pessoas pondo em outro lugar, sabe então. Da da central ao plano sobre Como assim essa temática e esse talvez uma série de textilização na fotografia com tem sido. Reincidente também um pouco revisitada assim, você percebe esse movimento de visitação desse tema agora que tem uma distância temporal em relação a esses fotógrafos e artistas como você começaram a trabalhar com esses anos 90. Enfim o tema que se diz é o tema de desses corpos dessas pessoas de de um que você tá num ambiente mais marginalizado fazer parte daquilo e até esse recorte mais específico centro robusta essas festas que você recomendam eu acho eu acho que eu acho que principalmente os anos 90, talvez tenha.